

Stadium

N.º 342

22 de Junho de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



O 1.º PORTUGAL-ESPA-
NHA dos trabalhadores,
Iniciativa vitoriosa da F.
Z. A. T., deu três títulos
aos portugueses e um aos
espanhóis. Publicamos
dois trechos magníficos da
Festa do Estádio Nacio-
nal, um aspecto do desfile
dos trabalhadores e ou-
tro da classe de ginástica
masculina de Lisboa



Grande festa de educação física

promovida pela F. N. A. T. no Estádio Nacional

Os portugueses venceram nitidamente os espanhóis em basquetebol masculino, ciclismo e futebol

A primeira competição internacional do trabalhador português (Portugal-Espanha) transformou-se num verdadeiro êxito. A F. N. A. T. e a Educacion y Descanso, principalmente o organismo português, provaram exuberantemente que se podem dar a organizações de vasta projecção na certeza de que elas concitam o favor e a simpatia do público. Durante duas noites, respectivamente, no Pavilhão dos Desportos e no Estádio Nacional, perpassaram pelos olhos dos governantes e daqueles que têm o culto da educação física, ideias que transcendem o campo do materialismo, duas exibições magistrais de educação física. O chefe do Estado e o ministro da Educação Nacional puderam comprovar uma Obra verdadeiramente notável.

Quando se pensa o que é a obra do desporto oficializado — Clubes, Associações e Federações — que dispõe de meios técnicos e materiais que advêm do próprio espectáculo, é que se pode compreender o que a F. N. A. T., de limitados recursos, tem realizado no campo da Educação Física.

Foram dois espectáculos de graça e beleza, movimento e colorido, que interessaram vivamente. E trata-se ainda de uma iniciativa incipiente, com mais rasgados horizontes. Evidentemente, a regulamentação da F. N. A. T. não será tão perfeita quanto todos exigiriam. Por certo, no campo dos desportos colectivos já se atingiu uma perfeição que, na prática muitas pessoas não acreditariam. Mas nos desportos individuais, a tendência é perfeitamente a mesma, sendo nosso convencimento que, mais dia menos dia, se adaptará solução semelhante, aquela que dispõe que o desporto da F. N. A. T. é sómente para trabalhadores nela inscritos.

Os festivais comportavam provas desportivas e manifestações de ginástica. É consolador verificar que, nas quatro modalidades que oficialmente faziam parte do 1.º Portugal-Espanha, a superioridade dos nossos representantes foi nítida e inconfundível, mesmo inatável.

Os portugueses apenas perderam em basquetebol feminino, modalidade que só a F. N. A. T. conserva e propaga, demonstrando no entanto nivelamento de valores, mas venceram em toda a linha no encontro de basquetebol masculino, na prova ciclista de cem quilómetros e no desafio de futebol.

Os Ferroviários de Campanhã, trabalhadores apurados, fizeram uma exibição magnífica, que

impressionou, mesmo, os espanhóis. A prova ciclista deu uma superioridade evidente dos portugueses, a tal ponto que até a segunda equipa classificada era nacional. Alfonso Parra, o campeão espanhol, dizia-nos que o passo dos portugueses o tinha convencido, que a natureza do percurso era contra ele, acostumado às estradas planas e que havia feito a peor prova de toda a sua carreira.

Também no futebol, a superioridade foi esmagadora. Os rapazes da Casa H. Vaultier, que, treinados por Jorge Vieira, o técnico e internacional de renome, dominaram os jogadores espanhóis, impondo-se não só pela superioridade física como pela sua consciência táctica. Impondo-se na primeira parte, pela forma dura e aberta como se empregaram, os jogadores espanhóis sofreram grande desgaste. É possível que, na segunda parte, os representantes do «Metro» de Madrid pensassem, com o vento a favor, na *révanche*, ficando com o jogo na mão. A verdade, pura e simples, é que as coisas não correram de feição para os nossos visitantes, pois, os *vaultiers*, agigantados, continuaram a impor o seu jogo e a jogar com notável ímpeto. Desnorteados, os espanhóis puzeram em prática um *jogo feio* e contrário às Regras, a que infelizmente os portugueses não foram insensíveis. Passando por cima destes acontecimentos, a vantagem da Casa H. Vaultier, prémio de um trabalho

persistente e de grandes sacrifícios, só possível por haver um chefe naquela casa que é um desportivo de alto a baixo (Maxime Vaultier), foi completa e dominadora.

Mas estes festivais da F. N. A. T. não se limitaram ao campo desportivo. As duas exibições de ginástica, tanto a feminina do Porto, da sr.ª D. Margarida Tamagão, como a masculina, dirigida pelo sr. capitão Herculano Cunha, representaram qualquer coisa digna de relevo num meio relapso à ginástica. Por outro lado, o desfile de 2.500 desportistas afirmaram exuberantemente a capacidade de organização da F. N. A. T. Foi um desfile animado, vivo, de bandeiras e entusiasmos, apenas possível pela comunhão de ideias em que, insensivelmente, assenta o entusiasmo e sacrifício de todos.

A pergunta que ocorre a quem anda metido nestas coisas foi a seguinte: — Como é possível, com tão escassos recursos, a F. N. A. T. dar-se a uma obra, de fundo educativo, que outros sectores, porventura mais poderosos, não conseguem? — A resposta é simples e breve. Está na base do Organismo, nos seus conceitos e ideias, que prossegue fins altruístas e levantados, e também no modo como o Organismo é servido pelos seus colaboradores, que às ideias fundamentais se apegam, conviavelmente, quasi num apostolado transmitido, aliás, pelos dirigentes.

Se o eng. Higinio de Queiroz di-

A "graça" da semana



O Sporting está a estudar «latim» para ver se compreende o... Torino!

Stadion
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.ª
Telefone: 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. DUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade da
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

rige a F. N. A. T. com uma devoção que não conhece limites, o sr. Francisco Mega, já afirmado nos meios clubistas, tem dirigido lucidamente, com uma orientação modelar, o movimento da F. N. A. T., impondo-lhe um progresso e expansão que constituem a base das manifestações levadas a cabo. E' da unidade de pensamento e orientação que sai, em última análise, o entendimento que torna possível realizações como as que se viram nas duas reuniões, mas especialmente no Estádio Nacional.

Parece-nos justo significar que os trabalhadores da Educacion y Descanso corresponderam em absoluto, pela identidade do espírito e princípios semelhantes que os animaram. Apenas no futebol, pelo calor da luta, foi possível ver-se cenas pouco próprias do desporto trabalhador, e, embora as circunstâncias não fossem provocadas pelos portugueses, é preciso ir ao fundo da questão e matá-las de pronto. Se as competições desportivas dos trabalhadores servissem como se verifica por vezes noutros sectores, para separar os homens de diferentes nações era melhor não prosseguir no intento...

Felizmente, o sr. Manolo Martínez, antigo nadador de categoria internacional e actual chefe do departamento dos desportos da Educacion y Descanso frisou, em discurso de projecção e recorte, que as *arbitragens* tinham sido impecáveis a tal ponto que o haviam impressionado, salientando a do futebol.

Em resumo, eis os triunfos: vitória do Standard Eléctrica de Madrid, em basquetebol feminino, sobre a Cuf do Barreiro, por 19-16; vitória dos Ferroviários de Campanhã, em basquetebol masculino, sobre as Indústrias Químicas de Madrid, por 69-35; vitória dos C. T. E. e da Fábrica de Cimento Tejo, em ciclismo; vitória da Casa H Vaultier contra o Metro de Madrid por 3-0.

Os espanhóis saíram ontem de Lisboa, a caminho de Madrid, verdadeiramente encantados. A F. N. A. T. fez o possível para, durante a sua permanência em Portugal, lhes dar um convívio simpático e alegre, a eles, de resto, que são os mais alegres deste mundo. Agora, há sómente que esperar o 2.º Portugal-Espanha, em Madrid, no ano que vem, sendo nosso convencimento que a F. N. A. T. irá alargar o seu âmbito internacional. A ideia já não pára, nem morre.

O Nacional de Principiantes

decorreu com raro brilhantismo

Em 16 provas, 11 novos r cords

FAVORECIDAS por condi es atmosféricas propícias, as provas do 1.  Campeonato Nacional de Principiantes decorreram com invulgar êxito e deram-nos uma série de resultados que, sem benevolência, se podem classificar de excelentes.

Onze dos dezasseis r cords do programa da categoria foram melhorados e alguns, como os dos 100 metros, das barreiras e do dardo, até um nível que não ficaria mal em categorias superiores. Apresentou-se muito bom material atlético e rapazes que, apesar de terem apenas um ano de prepara o, fizeram alarde de estilo já apurado no aproveitamento das suas notáveis qualidades.

Pela indole especial desta Revista não vem a propósito comentar o torneio, prova a prova e enumerar classifica es, já divulgadas pela imprensa diária e da especialidade. Vamos limitar-nos a arquivar a lista dos campeões, apreciando depois sob o ponto de vista técnico, homens e equipas.

Foram vencedores nas várias provas:

100 metros — Manuel Correia (A. A. Coimbra), 11, 3 s., recorde igualado.

300 metros — José Figueira (Benfica), 38,2 s.

1.000 metros — Fernando Aguiar (Benfica), 2 m. 43,4 s., novo recorde.

3.000 metros — Fernando Aguiar (Benfica), 9 m. 24,8 s., novo recorde.

110 metros-barreiras — José Cameira (Sporting), 15,6 s., novo recorde.

4 x 100 metros — Sporting (Honenerato, Rafael, Cruz, Cameira), 46,4 s., novo recorde.

4 x 300 metros — Sporting (Gra-

ca, Fidalgo, Desidério, João Luis), 2 m. 34,9 s., novo recorde.

4 x 1.000 metros — Sporting (Ochoa, Bernardes da Silva, Jones Fernandes, Sobral), 11 m. 33,9 s., novo recorde.

Altura — Ant nio Mora (Col. Militar), 1,70.

Comprimento — Fernando Ponce (Sporting), 6,52.

Triplo — Eduardo Pereira (Benfica), 12,98, novo recorde.

Vara — Alberto Silva (Benfica), 2,85.

Peso — Cândido Arantes (F. C. do Porto), 13,745.

Disco — Cândido Arantes (F. C. do Porto), 30,125, novo recorde.

Dardo — Octávio Oliveira (Sporting), 50,28, novo recorde.

Martelo — Ant nio Carvalho (Acad mico), 32,19 novo recorde.

A classifica o colectiva ficou assim estabelecida:

1.  Sporting Clube de Portugal, 119 p. e 6 títulos; 2.  S. L. e Benfica, 87 p. e 5 títulos; 3.  Colégio Militar, 67 p. e 1 título; 4.  F. C. do Porto, 28 p. e 2 títulos; 5.  Acad mico F. C., 21 p. e 1 título;

6.  C. F. «Os Benenses», 16 p.; 7.é A. A. Coimbra, 7 p. e 1 título.

O Sporting classificou 32 representantes em postos de pontua o; o Benfica 22, o Colégio Militar 19,

o F. C. do Porto 7, o Acad mico 6, o Benenses 4 e Acad mica um.

A pontua o por classes de provas foi como segue:

Corridas: Sporting, 75 p.; Benfica, 42 p.; C. Militar, 16 p.; F. C. do Porto, 14 p.; Benenses, 12 p.; Acad mica 7 p. e Acad mico, 3 p.

Salto: Benfica, 33 p.; C. Militar, 26 p.; Sporting, 25 p.; Benenses, 4 p. e Acad mico, 1 p.

Lançamentos: Colégio Militar, 25 p.; Sporting, 19 p.; Acad mico, 17 p.; F. C. do Porto 14 p. e Benfica 12 p.

Do lote de corredores de velocidade há a destacar dois nomes; Manuel Correia e José Cameira. São unidades que se equivalem e que valem. O combricense, desconfiado e com ampla passada, o sportinguista talvez mais rápido, merecem crédito como sucessores dos azes actuais.

Na velocidade prolongada, agradeceram-nos José Figueira e Pula Santos pela energia e tenacidade; João Luis, de passada fácil e bem lançada, mas nada nos admiraria se viesse a ser Carlos Graça o de melhor futuro, uma vez adquirido o fundo que ainda falta para real-

ce e aproveitamento dos potentes dotes naturais.

Fernando Aguiar foi o heroi do meio-fundo; não agrada visualmente o seu estilo em corrida, — tronco apumado em demasia, escassa abertura de compasso — mas mantem bom ritmo e disp  de ótimo final de prova.

No grupo dos seus concorrentes, que ele dominou sem contesta o possível, encontraremos ainda bastante que aproveitar: Adelino Monteiro, Jones Fernandes, Manuel Faria, Aquiles Vieira, em péssima forma, Casimiro L cio, Helder Sobral, Mário Ochoa, etc.

Os barreiristas destacaram-se: José Cameira e Mário Lourenço, com os 15,6 s. — tempo apreciável, mesmo com os obstáculos baixos — são duas aut nticas revela es: mais rápido o primeiro, melhor estilista o segundo, ambos v em enriquecer uma especialidade em que estamos muito pobres. Juntamos lhes Carlos Cunha que talvez no futuro venha a super -los.

Os resultados do salto em altura foram inferiores aos do regional; Ant nio Mora, Baptista e Pimentel, mantiveram suas posi es, com as mesmas qualidades e defeitos, como   lógico. Fernando Ponce mostrou no salto em comprimento uma classe  parte, pelo seu estilo já quási perfeito; falta-lhe aperfei ar o lançamento adiante das pernas, depois do golpe de rins, para ganhar vinte centímetros.

Nada a dizer sobre a prova de vara, pauperrima, sem revela es para breve, embora se exibissem alguns rapazes habilidosos.

No triplo, Eduardo Pereira e Jorge Sousa obtiveram boas marcas, mas consideramos Rui Pignatelli o mais bem dotado de todos, eapaz de se imp r a uma prepara o física cuidada lhe der maior poder muscular.

O portuense Cândido Arantes, os lisboetas Ramiro Saude, Pinto Leite, Óscar Lopes e Américo Pampulim foram os melhores num fraco lote de lançadores do peso e disco.

Ant nio Carvalho e Manuel Mendes, este com melhor estilo mas fraco poder, foram os únicos a considerar como especialistas do martelo. No entanto, Mendes, filho do antigo campeão Herculanu, não pode alimentar grandes esperanças, pois o martelo regularmente   demasiado pesado para os seus recursos.

Octávio Oliveira, projectando o dardo a 50,28, oitavo resultado português, cotou-se como o melhor lançador do campeonato; Lopes Jonet possui também aptidões, mas dispense-se demasiado para uma especializa o apurada.

HOQUEI EM PATINS

PROGRESSO E ACTIVIDADE

dois trunfos que impõem o desporto em que Portugal   campeão do Mundo

ASSIM que se concluiu o campeonato do Mundo de hóquei em patins, os clubes de Lisboa entraram novamente em franca actividade, enquanto no Porto se disputava com o maior êxito, um torneio internacional que serviu excelentemente a propaganda da modalidade. E agora vamos ao campeonato de Lisboa...

No torneio internacional do Porto, com duas equipas locais (Norte e Porto) e duas estrangeiras — França (Paris) e Bélgica (Flandres) — os resultados foram os seguintes: dia 6 — Norte-Porto, 5-0; Flandres-Paris, 4-2; dia 7 — Flandres-Porto, 3-0; Norte-Paris, 5-2; dia 8 — Porto-Paris, 5-3; Flandres-Norte, 1-0. Marcaram golos: Ribeiro (3), Figueiredo (4) e Soares (3), pelo Norte. De Vos (4), Vervloet (3) e Cossar, por Flandres; Marquis (4) e Leporec (2), por Paris. Santiago (2), Cota (2) e Figueiredo II, pelo Porto. Classifica o final: 1.  Flandres, 6 pontos e 8-2; 2.  Norte, 4 pontos e

10-3; 3.  Porto, 2 pontos e 5-10; 4.  Paris, 0 pontos e 6-14.

Em Lisboa (Pavilhão dos Desportos) efectuaram-se duas reuniões — com motivo numa singela quão justa e simpática homenagem aos campe os do Mundo. Nessas sessões, promovidas pela colliga o Hóquei de Sintra-Paço de Arcos, registaram-se os resultados seguintes: dia 9 — Futebol Benfica-Acad mica da Amadora, 3-3 (Taça «Império» ao primeiro mencionado por menor número de defesas do seu guarda-redes); Hóquei de Sintra-Benfica, 6-0 (taça «José Praxedes»); Paço de Arcos-Sporting de Oeiras, 4-2 (taça «Clippers»); dia 11 — Campo de Ourique-Cascais, 4-3 (taça «Comércio e Indústria de Paço de Arcos»); Sporting de Oeiras-Benfica, 4-2 (taça «Galões»); Paço de Arcos-Hóquei de Sintra, 6-3 (taça «Campe os do Mundo»). Em suma: o Paço de Arcos arrecadou dois dos seis t rfus e os restantes foram para o Futebol Benfica, Há-

quei de Sintra, Campo de Ourique e Sporting de Oeiras.

Se o torneio que se desenrolou no Palácio do Cristal compenhou (de certo modo) aquele público que não p de assistir aos desafios do Campeonato do Mundo — pois nele estiveram presentes os belgas e franceses — as duas reuniões de Lisboa despertaram também entusiasmos, principalmente a última, dado o «prato de resistência» da apresenta o dos dois melhores clubes nacionais — por onde alinham os primos Correias, Emídio, Rato e Edgar, quase a Sele o de Portugal, visto apenas faltarem os irmãos Serpas...

Mas a actividade não para (note-se que o campeonato do Mundo durou uma semana inteira e que houve ainda hóquei nas duas cidades, durante outra semana, apenas com folga de um dia!) por isso que começou a disputar-se o campeonato de Lisboa — prova dura e longa. Quer dizer: o hóquei em patins está em franco progresso e constante actividade.

Salazar Correia



BENFICA - CELTA

EM VIGO

A cidade de Vigo dispensou excepcional atenção ao jogo Celta-Benfica, eis o que nos dado ver na montra dum estabelecimento: emblemas de Portugal e de Espanha, e Benfica e do Celta. Ao lado, as cores das bandeiras dos dois países amigos e peninsulares. — Outro documento do interesse despertado pela visita do Benfica. Um grande distico na «Calle del Príncipe» atrai a atenção do público.

O SPORTING DE BRAGA perde em VIGO



O grupo de Braga que jogou em Vigo



O grupo do Celta que venceu por 7-3 o Sporting de Braga



Cesário sai a tempo e desarma o avançado espanhol. Palmeira observa...



O 4.º golo do Celta, que Marques não pode defender. Ao fundo vê-se António Marques



Os capitães, Daniel e Yajo, com o árbitro e juizes de linha



O 3.º golo do Sporting de Braga marcado por Diamantino. O guarda-redes foi irremediavelmente batido! Ao lado: Cesário lesionado numa clavícula sai do terreno, sendo substituído por Marques. Acompanha-o o maçante...



FERNANDO MOREIRA vence o LISBOA-PORTO



0 38.º Concurso Hipico Internacional de Lisboa



Começou no sábado o Concurso Internacional de Lisboa do qual damos quatro aspectos. Em cima, o magnífico cavalo «Quorum», montado pelo tenente-coronel Navarro, vencedor da «Omnium». 2 — O «Raso», conduzido pelo capitão Barrento. 3 — O tenente francês La Sayette no «Sirocco». 4 — O comandante Ordoz, no «Bohémio», vencedor da prova «Turf-Clubs».



1 — Fernando Moreira entra na pista, isolado, e dá as 5 voltas à pista, em verdadeiro campeão e vencedor da prova Lisboa-Porto; 2 — Luciano Sá e Arnândio Almeida, ambos do Porto, vencedores por equipas da prova «Uma hora Americana» na pista de Lima; 3 — A equipa do Porto, vencedora, em pista, na categoria de amadores-séniiores; 4 — A equipa lisboeta, vencida, da mesma categoria

SPORTING

no momento da
-- apoteose! --

Ao lado, das mãos do sr. eng. André Navarro, o capitão do team do Sporting, João Azevedo, recebe a taça do Campeonato Nacional da presente época. Em baixo, os jogadores da categoria de honra revêm-se, orgulhosos, nos trofeus conquistados. A assistência do Estádio Alvalade aplaude com vibração e entusiasmo



O TORINO e o FIRST DE VIENA

foram as equipas estrangeiras que este ano melhor futebol exibiram contra grupos nacionais

(Comentários de ADRIANO PEIXOTO)

É muito importante para o futebol de qualquer país, pelo que estimula e desenvolve o estudo dos seus próprios problemas, o contacto com equipas estrangeiras de clube, por serem estas que mais seguramente definem as tendências e directrices do jogo dos respectivos povos.

Em três artigos, o primeiro referente a aqueles conjuntos, o segundo relativo aos seus jogadores, e o terceiro sobre a actuação dos grupos nacionais nos mesmos encontros, propomos-nos fazer a análise, naturalmente rápida, do que digno de meditação nos pareceu ter ficado desses jogos — e alguma coisa foi...

Vieram este ano a Portugal clubes de nacionalidade espanhola, sueca, francesa, austríaca, italiana e belga. Vieram o Real Madrid e o Desportivo da Corunha, o Norrkoeping e o A. I. K., o First e o Viena, o Torino e, agora, o Anderlecht.

Todos trouxeram ou disseram o que fosse de novo para nós.

O Real Madrid, por exemplo, disse-nos que o futebol enveredou definitivamente pelas táticas modernas e que essa assimilação está a ser feita com base em princípios técnicos que nós talvez tivéssemos descurado quando também resolvemos segui-las...

A preocupação de jogar raso não era, na realidade, uma característica do jogo espanhol e embora essa preocupação houvesse transparecido com clareza na equipa madrileña, não foi realçada de uma maneira geral pela crítica portuguesa, que não fez caso ou não deu por ela, não deixando no entanto de carpir a sua saudade pelos rompantes do mesmo jogo de outrora, como se em frente do poder dos sistemas actuais, o futebol espanhol pudesse continuar a viver dos geniais improvisos e individuais meros que tanta notoriedade lhe deram quando o jogo se alimentava dessas rasgas!

O Corunha, com bem mais descrição, aliás justificável, revelou-se de igual modo integrado nas mesmíssimas teorias, em especial na defesa, embora favorecendo a compreensão de que com extremos de sentido pouco incisivo e um avançado-centro sem espírito de insistência não é possível servir, ao ataque, os novos princípios.

Os grupos suecos deixaram a impressão do seu admirável trabalho com a bola, tão simples e tão natural que dir-se-ia ter nascido com os próprios homens.

Escrevemos nessa altura que eles vieram dizer-nos apenas que a nossa ciência de dominar a bola não era tão apurada como a sua. E acrescentámos: «Evidentemente, essa ciência não nos é inaccessível.

Atingi-la-emos logo que se institua no futebol português o que poderemos chamar — *escolas de aplicação*. E essas escolas não são os primeiros grupos... O «hábito» de dominar, captar e endossar a bola com a segurança e a precisão indispensáveis, tem de vir de raiz, visto ter de ser a coisa mais fácil, mais simples e mais natural do futebol».

Imaginávamo-lo, por sua vez, um jogo mais rápido, e este pensamento resultava da ideia tão brilhantemente expressa numa crónica de «Gileira», lida na «Marca» ilustrada, de que o futebol não trás consigo somente o sentido da própria nacionalidade, mas ainda o da região ou província.

Se julgávamos glacial o futebol dos suecos, julgávamo-lo também bravo nos seus contrastes. E ele não é assim, totalmente. Anda consigo, com efeito, a frieza das neves, mas falta-lhe seja o que for da velocidade e do agreste dos ventos nórdicos. Porventura, o sentido do cerebral sobrepujava nele a do temperamento, ao contrário do que se verificou durante muito tempo em vários países meridionais...

O First, mais do que o Viena, proporcionou-nos magníficos momentos do grande futebol austríaco, cuja serenidade construtiva se mantém inalterável.

Essa serenidade é a sua característica fundamental.

Nenhum outro futebol gisa os lances com tanta calma e tanta suavidade.

Parece até que os austríacos não sabem jogar de outra maneira.

O Saint Etienne foi bem um grupo francês, de um futebol que não se definiu ainda por completo, indeciso em tomar por um caminho, ora lembrando nas suas avalanches o jogo inglês, ora caindo em preciosismos do velho futebol da Europa Central.

Todavia, sente-se que procura um rumo.

Mais atlético e menos imaginoso do que qualquer outro futebol latino, dá a ideia de que nem virá a ser tão atlético como agora faz acreditar, nem tão falho de fulgor como presentemente se apresenta...

O maravilhoso Torino deu-nos vinte minutos inolvidáveis do poderoso futebol italiano, de uma riqueza ofensiva que, possivelmente, não tem comparação.

Estuda dele tudo quanto de extraordinário existe nos maiores: a serenidade do futebol austríaco, a geometria do inglês, a imaginação do argentino.

Se é certo que vale mais ao ataque do que à defesa, como de resto não podia deixar de ser, tratando-se de um futebol latino, o Torino mostrou-nos, quanto ao as-

pecto defensivo, qualquer coisa de inédito, sobretudo num por menor em que todos os seus homens eram exímios: a corrida para a bola, tocando-a para a retaguarda do adversário, no momento em que este ia chegar a ela...

Porém, o grande claro desferido pelo Torino na inesquecível tarde de 3 de Maio irradiou da jogada que procedeu o seu primeiro gol. Toda a irresistível pujança do futebol italiano crepitou, do primeiro ao último instante, no desenho ao mesmo tempo rico e simples do lancer, na calma de Menti, ao executar o centre, na fantasia de Gabetto, deixando seguir a bola, e na olímpica serenidade do remate de Osola!

O Anderlecht confirmou o que pensávamos do futebol belga, com o qual havíamos tomado contacto através da equipa dos estudantes da Universidade de Lovaina, que estiveram o ano passado em Coimbra.

Dela dissemos então: «A equipa da Universidade de Lovaina faz um futebol que poderá sintetizar-se deste modo: rápido, prático e atlético».

Embora alguns dos seus elementos possuam excelente domínio de bola nenhum deles, porém complica ou demora os lances. Por vezes, até, a pressa não os deixará parecer tão perfectos como na realidade serão.

O seu objectivo é defender e atacar — a toda a velocidade. É claro que esta tendência tem de ser servida pelos processos mais fáceis e simples.

Com as imperfeições inerentes a uma equipa que não tem obrigações de executar, invariavelmente, um futebol puríssimo, a selecção dos estudantes de Lovaina, constituiu, todavia, um conjunto que agrada vêr, sobretudo pelo sentido que tem do jogo, na base do qual se encontram o passe imediato e a desmarcação antecipada.

O bom futebol belga deve, na realidade, aproximar-se muito do inglês, — pela singeleza, pela intenção e até pelo que de jovial e mego há na sua alegria».

Entre a selecção dos estudantes de Lovaina e o Anderlecht há a diferença que naturalmente existe entre uma equipa amadora e outra profissional, e assim o Anderlecht terá podido fornecer uma mais clara e completa indicação das virtudes do futebol belga.

Não desfez, porém a impressão de que esse futebol conserva o que quer que seja de ingénúo, não por desconhecer ou não fazer caso do «dribl», mas por sustentar uma uniformidade tática — porventura demasiadamente uiliforme...

Eis, em resumo, a impressão recolhida de cada uma das equi-

Ecos...

Ainda que se afirme não estarem os clubes do Barreiro dispostos a continuarem «alimentados» as equipas de outros meios, a verdade é que está ganhando foros de verdade o «boato» de que Felix Ferreira, do Barreirense, elemento de largo futuro e irmão do «internacional» Armando Ferreira, assim como Banana, do Luso, ingressarão no Sporting.

◊ Também se diz nos «mentideros» da bola que Victor Baptista, do Benfica, abandonará o seu clube e demandará os ares de Africa.

◊ O Benfica vai reunir os seus campeões da época de 1948/49 — cerca de três centenas de atletas, numa admirável manifestação de ecletismo desportivo — num banquete de confraternização. E diz-se que o acontecimento terá por cenário o Campo Grande, numa evocação grandiosa das magníficas jornadas que o Clube viveu há anos, em Santarém e nas Amoreiras.

Não se pode negar que o Benfica gosta de tudo «à grande»...

◊ Volta a afirmar-se com insistência que Azevedo, Peyroteo e Espírito Santo abandonarão a actividade futebolística nos primeiros domingos da próxima época.

Se assim fôr, trata-se de três «baixas» de respeito...

◊ Ramalho, que o Sporting da Covilhã fez substituir por António José, parece disposto a deixar os ares de altitude. E afirma-se que regressará a Lisboa, mas não para o Sporting.

◊ Também a Académica de Coimbra se apresentará reforçada na próxima época. Por agora, tem já assegurados os concursos de Serra Coelho e Neves Pires, aquele do Sporting, e este do Benfica.

◊ Eminência regressou a Oihã. Esta, é a última notícia que nos chega, com a indicação de que o jovem jogador deixou de interessar ao Covilhã, por o Oihanense ter pedido 90 contos pela «carta»...

Noventa contos!!!

pas estrangeiras que este ano vimos jogar.

Se tivéssemos que atribuir-lhe uma ordem de classificação, indubitavelmente, que daríamos a primazia ao Torino. A seguir, classificaríamos a do First, reservando os restantes lugares, pela respectiva ordem, ao A. I. K., Anderlecht, Real Madrid, Viena, Saint Etienne, Noerkoeping e Desportivo da Corunha.

Adriano Peixoto

AS PRIMEIRAS PROVAS

do 38.º Concurso Internacional de Lisboa

PRINCIPIARAM no sábado, com extraordinária afluência de público, as provas do 38.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa, disputadas com entusiasmo por cavaleiros portugueses, espanhóis e franceses.

Chefia a equipa do país vizinho o comandante Cabanilhas e a francesa o comandante Broussaud. Qualquer delas traz um grupo de bons cavalos, destacando-se entre os espanhóis «Quorum» e «Foragido», cuja fama correu o Mundo, e entre os franceses «Nankin» e «Marquis», dois bons ganhadores. A França enviou este ano a Portugal uma equipa civil-militar constituída por gente nova, desconhecida ainda do nosso público — o capitão Chevalier, os tenentes Du Breuil e La Sayette e o civil Jonqueres d'Oriola.

Quando aos espanhóis vieram a Lisboa cavaleiros todos nossos conhecidos — os comandantes Navarro, Nogueiras, Gavilan, Ordovás e Manjon.

O Concurso principiou numa atmosfera de interesse, devido, não só às suas características, como também, mercê das magníficas classificações este ano obtidas em Paris e em Madrid pela equipa nacional.

Não há dúvida nenhuma que durante seis dias vai prestar provas no hipódromo do Campo Grande um numeroso grupo de bons cavaleiros e um lote notável de cavalos de categoria. Daqui resulta o interesse do público contando de antemão com o espírito organizador e metódico da Sociedade Hípica Portuguesa, que se abalançou a uma realização importante na ansia de servir o des-

porto, proporcionando aos adeptos do hipismo tardes que dificilmente se esquecerão, tal o seu valor e o seu interesse.

Abriu o Concurso a clássica «Omnium», com 101 concorrentes, número que só por si diz o suficiente. Os obstáculos, bem colocados sobre o terreno, ofereciam agradável aspecto. A altura máxima estava fixada em 1,30 e era obrigatória uma velocidade de 350 metros por minuto.

Desde começo que os nossos cavaleiros procuraram dar boa réplica aos seus adversários estrangeiros, lutando com «alma» para a posse do lugar de vencedor, mas «Quorum», com inegável classe, colocou-se na vanguarda e de lá não saiu mais.

O tenente-coronel Navarro foi assim o primeiro vencedor do certame e o seu cavalo provou-nos mais uma vez ter enorme categoria. Encantou vê-lo saltar, no seu galope habitual, sem esforço, sem velocidades excessivas.

«Razo», «Capaleen Rua», «Montijo», «Febus» e «Abandonado», dos portugueses, e «Foragido» da equipa espanhola, fizeram melhores tempos é certo, alguns deles com evidente esforço, mas... não olimparam.

No domingo o programa importou das provas — a de caça,

denominada «Capitão José Beltrao» e a «Turf-Clube».

Os percursos estavam já com maiores dificuldades, principalmente o da segunda prova onde surgiu um sextuplo de triplices varas e outro de barras verticais, logo na pista seguinte.

Na «Caça» há que assinalar a boa vitória do tenente Farrusco Junior no «Abandonado» que, vencendo o comandante Ordovás, no «Puñales», arrebatou do mastro de honra a bandeira espanhola. Foi ainda para a equipa do país vizinho o 3.º posto da classificação, mercê de um bom percurso do comandante Gavilan no «Acebuche».

Na «Turf-Clube» os portugueses tiveram acção pouco brilhante. O comandante Ordovás, agora montando «Bohémico», fez uma prova rapidíssima e imbatível, as-

segurando para o seu país nova vitória.

Gostamos francamente dos percursos do francês d'Oriola, no «Marquis», classificado em 2.º lugar, e do espanhol Gavilan, no «Foragido», que se fixou no 3.º posto. Seguiram-se dois portugueses — os capitães Pimenta da Gama e Pimenta de Castro, na «Fada» e no «Copaleen Rua» — e o espanhol Navarro, no «Quorum».

Notou-se a ansia dos cavalos da equipa nacional que tomaram recentemente parte nos Concursos de Madrid e de Paris. A deliberação tomada, tirou brilho às provas e colocou certamente em embaraço o selecionar da equipa que nos representará amanhã na «Taça de Ouro da Península».

Antas Teixeira

CIRCUITO DE VILA REAL

ANIMADAS PROVAS E BOAS MÉDIAS

EM Vila Real há verdadeira «flicion» pelas corridas de automóveis e de motos, chegando a gente da terra a dizer — e com sinceridade — que, este ano, se havia circuito, não eram precisas para nada as Festas da Cidade.

... O que dá nota do interesse e entusiasmo despertados pelas provas.

E não se julgue que a boa gente da capital transmontana não possui espírito folgasão, pois vimos-a bem integrada no ambiente festivo que caracterizou a cidade, no decurso da última semana.

Mas o circuito... é o circuito. Trate-se de provas ou de simples treinos — e é ver a romaria para as bandas da excenta pista. Interesse que não exclui disciplina, note-se. Os assistentes sabem armar-se. Nenhum pisa a estrada. De fora, em lugar seguro e dali não saem, sem que para isso seja preciso grande policiamento. Notável.

Este ano, as provas tinham o sabor especial da saudade, pois, como se sabe, há 10 anos que não se realzavam, por causa da guerra. E de aí o acontecimento, que não é só de Vila Real, pois de toda a região nortenha se desloca gente para a Rainha do Marão. E a verdade é que as provas deste ano corresponderam à expectativa dos milhares de assistentes espalhados ao longo do percurso, nos campos ou nas bancadas. A presença das distintas entidades regionais maior luzimento emprestou ao festival.

No sábado, disputaram-se as provas de motos... — e principiou a função. Na corrida de «sports» — a primeira — houve logo um «gelpe de teatro», daqueles que fazem vibrar. António Pinto

e Jaime Campos tomaram a dianteira e aí se mantiveram até à 9.ª, chegando a disfrutar de longa vantagem sobre os adversários. Então, sensacionalmente, surgiu à frente o astuto Américo Lino que à frente completou a 12.ª volta, ganhando assim a prova de 350 c.3.

Eis os campeões das motos de sport.

Sport, 350 c. c. (12 voltas) — Américo Lino, 55 m. 42,2 s., média de 93,070 kms.

Sport, 550 c. c. (15 voltas) — António Pinto, 1 h. 10 m. 29 s., média de 91,919 kms.

Corrida (20 voltas) — Jaime Campos, 1 h. 27 m. 22,6 s., média de 98,882 kms.

No domingo, finalmente, disputou-se o 8.º circuito para automóveis, o qual foi ganha pelos seguintes automobilistas:

1.º Grupo (até 750 c. c.) — F. Corte Real, em 1 h. 48 m. 3 s., média de 75,964 kms. (19 voltas).

2.º Grupo (de 750 a 1.100 c. c.) — Resende Santos, 1 h. 43 m. 18,8 s., média de 83,629 kms. (20 voltas).

3.º Grupo (de 1.100 a 1.500 c. c.) — Santos Pinto, 1 h. 44 m. 3,2 s., média de 83,034 kms. (20 voltas).

4.º Grupo (de 1.501 a 3.000 c. c.) — Nunes dos Santos, 1 h. 32 m. 7,2 s., média de 93,790 kms. (20 voltas).

5.º Grupo (mais de 3.000 c. c.) — José Cabral, em 1 h. 31 m. 49,2 s., média de 94,097 kms. (20 voltas).

Nos cinco primeiros lugares da classificação geral ficaram respectivamente José Cabral, Nunes dos Santos, Jorge Monte Real, Mário Gonçalves e Resende Santos.

Alberto da Silva

VELA

A vitória do «Tupy» — Os portugueses na «Connaught Cup» — Participaremos no Campeonato do Mundo e da Europa de «stars»?

O «Tupy», iate de cruzeiro que rivaliza com o «Sunday» quanto ao número de triunfos arrecadados, ganhou a primeira regata oceânica da temporada em competição com nove barcos de grande e meio cruzeiro. Seu adversário mais sério nesta prova dividida em três etapas — Belém-Sines-Sezimbra-Cascais — o «Surveillant», antigo «Calisaya», chegou sempre entre os primeiros, ganhando as tiradas a Sines e a Sezimbra, classificando-se em segundo na regata a Cascais.

Pertence agora o iate vencedor ao sr. Manuel Machado, mas nas mãos do sr. Victor Domingues já o «Tupy» conquistou muitos triunfos. E o «Surveillant» do sr. Maxime Vaultier, continua a carreira gloriosa do «Calisaya», do sr. António Bustorff. Os grandes abonos que dá aos outros não o deixam alcançar melhores classificações. E é pena.

Está definitivamente assente a deslocação dos portugueses José Rosa, Bernardino de Almeida, António Vilardobó e António Aleixadas a Inglaterra para disputar a «Connaught Cup».

Um dos seleccionados, o Bernardino de Almeida, já conhece o local e o ambiente. Pode ser um precioso trunfo de José Rosa. Quem sabe...

Depois da vitória da equipa nacional de «sharpies» de 9, segue-se a deslocação dos portugueses seleccionados para a «Connaught Cup» em «sharpies» de 12. Por sua vez os «stars», também têm as suas ideias. E os seus direitos. Sobretudo em Cascais, a sua frota entrou em grande actividade.

Prepara-se para o Campeonato Ibérico, em águas espanholas, cuja deslocação deve ser fácil. Pergunta-se: participaremos, também, este ano nos Campeonatos do Mundo e da Europa, respectivamente, na América e na Itália?

Henrique Parreira

assinem a STADIUM



A equipa espanhola feminina de basquetebol que venceu o team português. É a representação da Standard Eléctrica de Madrid



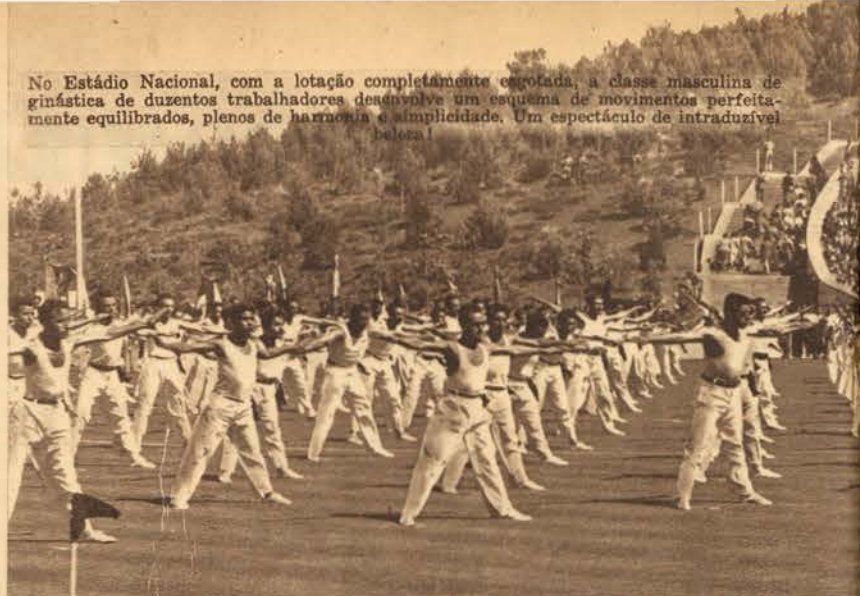
As raparigas do Cuf do Barreiro competiram, brilhantemente, em basquetebol, com as madrilenas. Fizeram um jogo nivelado, e foram vencidas somente no prolongamento



Os jogadores espanhóis de basquete das Indústrias Químicas que foram dominados e vencidos pelos portugueses



O grupo nacional dos Ferroviários da Campanhã que demonstrou forte capacidade técnica ante os espanhóis



No Estádio Nacional, com a lotação completamente esgotada, a classe masculina de ginástica de duzentos trabalhadores desenvolve um esquema de movimentos perfeitamente equilibrados, plenos de harmonia e simplicidade. Um espectáculo de intraduzível beleza!



Os portugueses do Ferroviários de Campanhã dominaram em todas as circunstâncias, conseguindo um resultado que não dá margem a dúvidas



Uma fase do desafio entre as equipas femininas da Cuf do Barreiro (Portugal) e da Standard Eléctrica (Espanha)



O sr. marechal Carmona, Chefe do Estado assiste às provas no Pavilhão dos Desportos, ao lado dos srs. exaxador de Espanha e ministro da Educação Nacional



O sr. prof. Pires de Lima, ministro da Educação Nacional, juntamente com os srs. eng. Higinio de Quez e Francisco Mega, após a distribuição dos prémios ciclistas



A FESTA DA F. N. A. T. 1.º PORTUGAL-ESPANHA DE TRABALHADORES



O campeão ibérico dos trabalhadores, o grupo da Casa H. Vaultier que fez, no Estádio Nacional, magnífica exibição, ganhando por 3-0



O team da Empresa do Metropolitano de Madrid que, apesar da sua coragem, saiu vencido do Vale do Jamor

A F. N. A. T. organizou o 1.º Portugal-Espanha de trabalhadores no Pavilhão dos Desportos e no Estádio Nacional, conseguindo um grande êxito. Não só as provas desportivas (basquetebol, ciclismo e futebol) decorreram com acentuado mérito desportivo, como ainda a assistência vibrou, apreciando e interessando-se pelo seu decorrer. A F. N. A. T. deu um público testemunho da sua magnífica Obra, mostrando a sua capacidade de organização e apresentando representantes à altura do importante acontecimento. As duas sessões ficam como padrão da ideia desportiva em Portugal.

Continuaremos a publicar no próximo Número a reportagem «Memórias de Xico Ferreira»



Todo o grupo do H. Vaultier mostrou valor, mas a defesa não deixou o adversário pôr «épé em ramo verde»...

FERNANDO GOMES

«capitão» da equipa de juniores do Benfica
conta à «Stadium» as suas impressões de uma viagem à Irlanda

QUIS a Federação Portuguesa de Futebol proporcionar aos «capitães» das duas equipas que disputaram a «final» do Campeonato Nacional de «juniores» um prémio pela sua presença na derradeira ronda da prova máxima da sua categoria. E convidou-os para acompanharem à Irlanda a Seleção Nacional de Futebol.

Jovens, dotados de espírito irrequieto e curioso, era natural que a viagem nelas despertasse um mundo de sensações inéditas. Daí é que nasceu em nós a ideia de trocarmos impressões com um deles.

Impossibilitados de o fazermos com Pinto de Almeida, o «capitão» da Académica de Coimbra, virámo-nos para Gomes, o «comandante» dos campeões de Portugal.

E o benfiquista não se fez rogado. Recebeu-nos com um sorriso amável, com um abraço que nos pôs desde logo à vontade, e deu-nos as suas impressões dos dias vividos com a equipa nacional portuguesa.

Principiamos por querer saber como havia recebido o convite. E o Fernando Reis Gomes foi pronto na resposta:

— Quando li as notícias nos jornais, de que a Federação mandaria à Irlanda os «capitães» das equipas finalistas, confesso que não dei grande crédito, nem me entusiasmei. Primeiro, porque não é a primeira vez que se publicam notícias de depois não se confirmam. Segundo, porque nessa altura ainda se não sabia quais seriam as «turmas» finalistas, e embora eu confiasse na presença do Benfica na «final» — nunca é bom «vender a pele do lobo antes de o matar»...

«Entretanto — prossegue — quando na segunda-feira a seguir ao jogo do Estádio Nacional me mandaram apresentar fotografias para o passaporte... foi o fim do mundo. Confesso que não cabia em mim de contente, e que me julgava sonhando.

— Que tal a viagem de avião?
— Magnífica. O pessoal de bordo era competentíssimo, e eu senti-me em segurança absoluta.

«É certo que senti bastantes nervos quando o avião descolou da pista, tanto mais que ardia de impaciência por saber como era... Mas foi bom! Senti uma ligeira impressão no estômago, e mais nada. A meu lado, sentou-se o Vieira, do Estoril Praia, que também ia ligeiramente enervado, mas com o tempo tudo passou. E se não fosse um ou outro «poço de ar» que apanhámos de longe em longe, creia que eu não chegava a sentir que ia de avião.

«E a contribuir para que tudo corresse magnificamente, tinha a esplendida camaradagem que encontrei.

— Gostou da Irlanda?

— Muito. É claro que difere bastante do nosso país, mas confesso que me encantou. Não ficamos instalados na cidade de Dublin, pois nos levaram de autocarro para o Royal Marine Hotel, que fica a meia hora de distância da cidade. Mas visitei esta, nos dias que se seguiram à nossa chegada, e não pude deixar de ficar maravilhado com o sossego, o movimento e, sobretudo, com a correção dos irlandeses, que me pareceram bastante amáveis. Só não gostei do piso do campo — que eu não resisti a experimentar, mesmo de sapatos — que é inferior ao do nosso Estádio Nacional,

pois nele há imensa dificuldade em dominar a bola.

— Que nos diz do jogo?

— Que não devíamos ter perdido. Não falo pelo célebre «penalty» que deu o golo da vitória irlandesa. Ele não existiu, mas houve ocasiões para outros que o árbitro não assinalou, como a Irlanda também devia ter sido punida com idêntica penalidade. Acho que o empate sem golos seria o melhor resultado, pois a nossa defesa — sobretudo Barrigana e Felix — chegou bem para os adversários. Jogaram muitíssimo.

— Conquistou amizades?

— Claro que sim. Os irlandeses,

como já lhe disse, são amabilíssimos e afáveis. Era natural, por isso, que tivesse conquistado amizades. Uma delas, com um «junior» também — que conta 21 anos de idade, o que me deixou bastante surpreso — foi arranjada na véspera da partida, durante um baile a que fui assistir. Se um dia voltar à Irlanda — o Mundo dá tanta volta... — não me esquecerei do meu amigo, como não hei-de esquecer, também, tanta e tanta recordação que esta viagem me deixou.

— Satisfeito, então?

— Como não pode calcular. Tenho pena, porém, que esta esplendida viagem só a mim fosse proporcionada, e não a todos os companheiros que me ajudaram a conquistar para o meu Benfica os dois campeonatos desta época.

«Estou imensamente grato à Federação Portuguesa de Futebol pela oportunidade que vivi, e que já jamais poderei esquecer. Com esta viagem, tive os melhores momentos da minha vida, depois, claro, das duas vitórias nos Campeonatos de Lisboa e de Portugal.

Rosa de Matos.

A época de 1948-49 (2)

Sport Lisboa e Benfica

QUE diferença entre o Benfica da 1.ª volta do Campeonato Nacional e o Benfica que jogou a Taça de Portugal e que venceu a sudosa equipa do Torino!

E, contudo, a equipa é a mesma, os homens os mesmos — só o moral é outro.

Os atletas da camisola encarnada obtiveram uma retumbante vitória... contra si próprios. Desceram neles — a começar por eles próprios, que perderam a confiança nas suas possibilidades reais e se deixaram avasalar pelo nervosismo quando os golos tardavam na baliza adversária. E depois a stouarda de que se impunha o rejuvenescimento da equipa...

O «team» de honra do Benfica apareceu quase repleto de gente nova. A vontade de acertar era imensa, mas o peso da responsabilidade esmagou-os. A equipa encarnada continuava à deriva. Havia um homem que jogava por dois. Era o «capitão» do «team» — Francisco Ferreira. Mais atrás, impondo-se no terreno em frente da baliza, outro atleta valeroso — Felix. No sector atacante — o desentendimento. Tudo estava resolvido. Corona, um interior e depois ponta, a jogar no eixo do ataque. A interior-esquerda um médio! Rogério — actuando ora à esquerda, ora à direita.

Um período difícil na vida de um grande clube!

Houve novas mexidas na constituição do «conze». Voltaram alguns dos consagrados. Moreira, Melão, Jacinto e Jóllo. Vinham diferentes. Dispostos a provarem a sua capacidade real, ao serviço da camisola que chamava por eles.

E com todo o «conze» resolvido a reabilitar-se, conseguiu-se então essa reviravolta que muita gente julgava impossível na tarde sombria dos 5-1 contra o Sporting, no Estádio Na-

cional. Pouco a pouco, o retorno da forma foi-se acentuando. A derrota infligida pelo Belenenses, na 15.ª Jornada, marcou o fim de uma série de fantasias... Daí até ao fim do torneio — uma derrota mais. No Porto, num jogo renhido, aliás, os números o atestam: 4-3!...

O Benfica perdeu o Campeonato por muitos pontos. Mas a classificação obtida, depois de tantos desaires e de tão amargurada carreira, vale por uma vitória. Um exemplo a apontar...

A equipa

Os treinadores desejam, tanto como os jogadores, a vitória das suas cores. Procuram sempre apresentar a melhor equipa. Se nesse sentido cometem erros, não é por capricho deliberado. Eles estão procurando realmente constituir o melhor «conze», convictos que procedem para isso.

Ao treinador inglês — Ted Smith, que veio expressamente da pátria do futebol para adestrar os futebolistas benfiquenses — sucedeu outro tanto. Nas circunstâncias especiais de desconhecer totalmente os homens que lhe foram confiados, pecou pelo exagero. Confiou demasiadamente na juventude e desprezou também de mais a veterania.

Homens como Moreira não se põem de parte. Assim como não se colocam médios sem espírito ofensivo na linha atacante, nem se resolve um «team» de alto a baixo, de um jogo para outro, como resolvendo um problema por tentativas.

Verdadeiramente, só Felix escapou ao regime de experiências. O próprio Francisco Ferreira chegou a alinhar a interior!... Herculio jogou muitas vezes em lugar do «pendular» Jacinto. Nas balizas, Controlras e Pinto Machado, tiveram largos termos de actividade. As suas exibi-

ções equivaleram-se. Até com o por menor curioso de que sofreram o mesmo número de golos: 17 cada um.

No sector atacante foram utilizados, salvo erro, treze jogadores!

Corona foi porventura o mais «ilhante». Aonde quer que o colocassem, demonstrou sempre o mesmo espírito animoso, esforçado, atento na área do remate. Rogério teve um final de época de bastante relevo, facto que concorreu para o seu regresso à Seleção Nacional. O problema dos interiores foi o mais debatido. No posto de interior-esquerda alinharam quatro jogadores. Dois, fracassaram nitidamente: J. Pedro e A. Manuel. Jogaram uma só vez. Melão foi atado o melhor. Assim como Arsénio, a interior-direito. A tentativa de manter Corona no eixo do ataque, jogando Jóllo a interior-direito, falhou também. Quanto a extremos, os melhores foram Rogério, Corona e Rosário. A avançado-centro, Corona, como Espírito Santo ou Jóllo, satisfizeram, na generalidade. Toda a linha de ataque, aliás, passou a «carburar» melhor ao beneficiar do regresso de Moreira — ainda hoje um dos melhores médios que pisam os nossos campos de futebol.

Números e curiosidades

O Benfica obteve no Campeonato Nacional 17 vitórias, 3 empates e 6 derrotas. Totalizou, portanto, 37 pontos — menos 4 do que no ano passado. Foi o clube que menos golos sofreu em todo o torneio: 34. Em matéria de bolas marcadas, ficou 3.º, com 72, atrás do Sporting (100) e Estoril (76). Fora de casa, os «encarnados» igualaram o recorde de vitórias (8), mas o Sporting obteve mais um empate e menos uma derrota.

Os golos do Benfica foram obtidos por Corona, 17 (no ano passado, 51), Arsénio 13 (16), Jóllo, 12 (23, 5.º classificado da lista dos marcadores da 1948), Rogério 7 (7), Melão, 6 (9), Vitor Baptista, 5 (9), Rosário, 4, Cadete e Francisco Ferreira, 2, Moreira, Felix, Espírito Santo e José Costa, 1.

O Boavista

O velho clube do Bessa, como tudo leva a crer, pensa em guindar-se de novo à 1.ª Divisão Nacional. Para isso trabalha e trabalhará com certeza. Segundo informações de boa origem, o Boavista Futebol Clube, que pela sua categoria e pelo valor do seu *team* de honra não merecia a baixa verificada, prepara-se para chamar ao seu serviço um treinador de boa fama. Principia, como se diz-se, pelo princípio.

Merece o futebol português que o Boavista se coloque a par das realidades e do prestigio que merece ter como clube da segunda cidade do país. Aqui nestas colunas da «Stadium», quando o popular agrupamento era ameaçado pelo espectro da descida à Segunda Divisão, nunca deixamos de chamar a atenção dos seus representantes e amigos para a sua falta ao lado do F. C. do Porto. Infelizmente, talvez desde sempre em provas do campeonato maior, poucas vezes se viu o campeão do Norte beneficiar de um resultado, de uma vitória do «segundo português».

Porém, isso não afirma que se deva parar na luta. O Boavista Futebol Clube, popular, de história honrosa no desporto, tem todas as condições para vencer. Baqueou numa altura má, quando precisava de se afirmar e de servir o futebol nortenho.

Paciência. A sua gerência, os seus associados, mesmo todos os portugueses que prezem a sua terra, devem contribuir na medida do possível para auxiliar o prestígio do clube. O Porto, que no xadrez desportivo tem negativamente o segundo lugar, pois não só o futebol pode categorizar uma terra, está aparentemente em desigualdade, frente ao Minho e ao Algarve. Temos a certeza que muito se lamentará o facto, no decurso da nova época. O Porto, com prejuízo para todos, verá futebol apenas de 15 em 15 dias.

Lamentamo-lo sinceramente. E porque o lamentamos, aguarde-se que o esforço de todos consiga alguma coisa, levantando a moral dos vencidos.

Não faltam possibilidades ao clube do Bessa. Basta que saiba reagir sincera e honestamente contra a invasão dos estranhos à cata de jogadores de fibra. O Boavista possui alguns que lhe custaram a criar, e com eles procurará subir ao lugar que merece.

São os nossos votos. Nossos e de quem segue cuidadosamente a evolução do desporto e o esforço das nossas agremiações mais dedicadas.

Stadium

na capital do Norte

Situação delicada...

O sr. dr. Miguel Pereira, presidente do F. C. do Porto, numa entrevista concedida ao nosso prezado colega «Norte Desportivo», queixa-se amargamente da situação delicada do seu clube em presença de dois factos: — problema financeiro e questão do campo de jogos.

De facto, para manter um clube da importância dos campeonatos nortenhos em nível de equilíbrio desportivo e financeiro — é preciso ter sorte. E essa não compareceu à chamada. Claro que enquanto o Porto estiver instalado na Constituição, todas as dificuldades

administrativas não-de surgir, somando-se umas às outras e de ano para ano.

O brado do dr. Miguel Pereira é de facto aflitivo, e justo, e precisa de ser entendido pelos sócios e adeptos da sua colectividade. Não se resolverá com «panos quentes» ou promessas vagas. É preciso que todos contribuam com a força da sua vontade para debelar o mal apontado criteriosamente na entrevista, pois de contrário ver-se-á mais tarde quantas dificuldades podem travar uma carreira prestigiosa.

Araújo



Teremos Araújo a jogar no princípio da época? O popular «internacional» português, que já acompanhou o F. C. P. a Barcelona, encontra-se completamente bom e restabelecido, segundo afirmação de um médico amigo.

O futebol português receberá Araújo de braços abertos. Como, de resto, o futebol nacional. Durante a época finda, o «internacional» Araújo fez bastante falta ao seu *team* e com certeza à equipa portuguesa. Regressando ao seu clube, completar-se-á o conjunto dos campeonatos do Norte de modo admirável, e há motivo para supor que a esperança volte aos espíritos azues e brancos.

É que o excelente jogador de Paredes fazia bastante falta ao seu clube. Pode mesmo dizer-se que depois de Araújo adoececer, nunca mais se viu a linha avançada jogar serenamente e com autoridade.

Mas o mau tempo vai passar! Araújo sente-se bem, felizmente, e o seu fiel público prepara-se para o receber de braços abertos. Oxalá se confirmem as informações dadas; são os nossos desejos.

CURIOSIDADES...

Há no Candal um rapaz que tem habilidade. Isso já é bastante para os amadores de futebol. E para os clubes. Por isso não surpreende que muitos se interessem por ele...

♦ O F. C. do Porto não conseguiu maus resultados na sua visita a Espanha. Perder 3-1 com o campeão — não é mau. E a vitória contra uma selecção, em Saragoça, por 5-2, parece-nos excelente.

♦ O Boavista desinteressou-se dos espanhóis da sua equipa velocípédica. Mas espera outros elementos. Tem já a certeza de um italiano.

♦ Também o Académico Futebol Clube procura reforçar o seu conjunto. Todavia, nada de importante por agora.

♦ Não foram felizes em Espanha, os corredores do F. C. do Porto. Fernando Moreira deu um grande trambulhão e ficou algo combalido.

♦ Prepara-se no Porto mais um grande torneio «internacional» de hóquei em patins. Isto prova que o resultado financeiro das ultimas jornadas do Palácio de Cristal não desagrudou aos organizadores.

♦ O nosso colega «O Norte Desportivo» desmentiu a anunciada saída de Caiado e de Serafim. Oxalá.

Nós colocamo-nos na defensiva. O mesmo faremos no que diz respeito a outros jogadores. Há tentações do demónio...

♦ Francisco deverá fazer falta ao F. C. do Porto, embora não tenha lugar no 1.º *team*. Veremos, entretanto, se a sua passagem para o Covilhã se torna efectiva.

♦ Procura-se nova solução para o caso que todos conhecem e muito interessa ao F. C. do Porto: — o Estádio das Antas.

♦ Este ano não se disputará a «Taça de Portugal» de hóquei em campo. Realmente — não vale a pena...

♦ A equipa de ciclismo do F. C. do Porto para a «Volta a Portugal» está definitivamente formada. E não é nada má.

♦ Julian Barrendero, que chegou a anunciar-se no conjunto do F. C. do Porto, não comparecerá este ano.

♦ Em Estarreja, dizem-nos, há um jogador de boas possibilidades. Talvez Alberto de Brito possa dizer alguma coisa sobre isso...

♦ O Boavista fará tudo para regressar à Divisão Nacional. Se não for abandonado por alguns dos seus jogadores, pode bem ter a sua esperança. No Porto faz falta mais uma equipa — mas uma boa equipa, sem dúvida alguma.

ALMANAQUE DOS DESPORTOS

340 PÁGINAS — 300 GRAVURAS

ENCONTRA-SE A VENDA:

NOS NOSSOS AGENTES ♦ NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS E NA ADMINISTRAÇÃO DA «STADIUM»

Rua da Rosa, 252 — Telefone 31187 — LISBOA — Preço: 40\$00

Assinem a STADIUM

8.º CIRCUITO DE VILA REAL



ANTOS PINTO, que venceu no 3.º grupo



RESENDE SANTOS, vencedor na categoria esportes



ANTÓNIO PINTO, vencedor em 500 c. c., esportes



JOSÉ CABRAL, vencedor do 5.º grupo e da classificação geral, e MANUEL NUNES DOS SANTOS, vencedor do 1.º grupo, tendo ao centro o grande campeão nacional Vasco Sameiro



JAIME CAMPOS, seguido de perto por António Pinto, o 2.º classificado



JAIME DE CAMPOS, vence em motos de corrida



AMÉRICO LIMA, vencedor em esportes 350 c. c.



Nunes dos Santos e José Cabral em plena prova e em grande velocidade



COIMBRA, 2 PORTO, 5

1 — A selecção portuguesa que venceu a de Coimbra no Estádio Municipal; 2—O grupo de Coimbra que, após uma boa exibição, perdeu com a do Porto; 3 — Uma defesa de Barrigana no seu estilo característico

CAMPEONATOS NACIONAIS DE ATLETISMO DE PRINCIPANTES



1 — Cândido Arantes, do F. C. Porto, vencedor do peso e do disco; 2 — Fernando Aguiar, do Benfica, comanda a parte final da corrida dos 3 mil metros em que foi vencedor; 3 — Os 110 m. barreiras em que José Carreira, do Sporting, triunfou.





Jogador
e treinador
da
ACADEMICA
vivendo
o sonho
do
regresso
à 1.ª Divisão



O dr. Alberto Gomes entrevistado pelo nosso colaborador Adriano Peizoto nos jardins do Colégio Camões, em Coimbra

Alberto Gomes, o 5.º a contar da esquerda, no 2.º plano, antes de disputar um França-Portugal em que ele marcou, inconfundivelmente, a sua classe da mais pura água

É de um rigor incontroverso a afirmação por nós ouvida de que um grande jogador que regressa, traz consigo tudo quanto sabe — e o mais que aprendeu depois...

De resto, só se pede que regressem aos grandes jogadores.

Este foi agora o caso do dr. Alberto Gomes.

Chamado no fim da época passada, quando eram já muito limitadas as possibilidades da Académica evitar a descida de Divisão, não resistiu a mais de dois ou tres jogos, acusando o longo período de inactividade que se seguiu à sua ida para Viana do Castelo, logo que concluiu a licenciatura em Letras.

Mas volvido de novo a Coimbra, com o encargo de orientar as equipas do clube escolar, aproveitou os próprios treinos para se preparar e reaparecer no momento preciso.

A Académica alcançara a fase final da II Divisão. Estava outra vez à vista, portanto, a Divisão Maior. E foi então que, sentindo-se capaz de ser útil ao grupo, Alberto Gomes voltou a vestir a camisola negra.

(Continua na pág. 15)



Na residência da sua casa, um lar tranquilo, eis o dr. Alberto Gomes com sua esposa e seus encantadores filhinhos



F. C. DO PORTO EM BARCELONA

1 — Barrigana, guarda-redes da Seleção Nacional e do F. C. do Porto, fez na capital da Catalunha, uma exibição magnífica. Os camponeses nortenhos, de resto, exibiram-se à altura dos seus créditos contra os titulares espanhóis, os quais venceram por 3-1. Esta fase apresenta-nos Barrigana numa extraordinária defesa. A bola foi enviada para canto no último instante.

2 — O guarda-redes nacional antecipa-se a um avançado dos campeões de Espanha. Alfredo e Joaquim, que também se exibiram com mérito, observam o trabalho do seu colega de equipa.



TROFEU «SOLENYR»



No programa das comemorações do Algés e Dafundo disputou-se uma prova de natação destinada aos eméritos. O troféu «Solenyr» mais uma vez premiou a equipa vencedora, este ano constituída por: Carlos Faria Neves, Eduardo Pires da Silva, Fernando Amaral e Américo Machado, que vemos na foto e da esquerda para a direita.



BELENENSES, VENCEDOR DA TAÇA «TAMAGNINI BARBOSA»

A magnífica reserva do Belenenses que conquistou com brilho e esforço, a «Taça Tamagnini Barbosa». Ao lado, uma fase do encontro Belenenses-Benfica disputado nas Salésias, em que os azuis venceram por 3-2.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

Automobilismo

O Grande Prémio de Bari, foi fértil em acidentes. O condutor Villorosi, quando parecia ter certa vitória, quando parecia ter certa vitória, atropelou um cão e esse preço custou-lhe a corrida. O brasileiro Francisco Landi, chocou com outro concorrente, feriu-se num dos olhos e desistiu. Finalmente foi o piloto Ascari o triunfador, correndo os 427.200 km. do trajecto em 3 horas, 39 minutos 25,4 segundos o que bate o recorde da prova.

Atletismo

O corredor checoslovaco Emilio Zatopek, cognominado a «locomotiva humana», realizou uma proeza extraordinária, ao bater, em Praga, o recorde mundial da corrida de 10.000 metros.

Zatopek conseguiu o extraordinário tempo de 29 m. 28,2 s. melhorando o recorde anterior, pertencente ao finlandês Viljo Heino, por 7,2 s.

Este corredor excepcional parece ter à sua mercê, igualmente, os recordes mundiais da meia-hora e da légua.

Futebol

A vitória da equipa espanhola contra os irlandeses, em Dublin, pode explicar-se considerando a baixa de forma dos jogadores visitados. De facto, a equipa do trevo esteve apática, descomposta e monotónica, no dizer inusitado do cronista francês Jacques de Ryswick.

Em 4 minutos os espanhóis marcaram 3 tentos, dois deles disparados por Zarra.

♦ A Holanda recebeu o grupo representativo da Dinamarca e ganhou-lhe por 2 bolas a 1.

♦ O comportamento da Itália em Budapeste, empatando com a equipa da Hungria, por 1 a 1, mereceu da crítica os mais rasgados elogios. O estado escorregadio do terreno e uma chuva miudinha, desfavoreceram os jogadores dos dois campos, mas o grupo transalpino mostrou-se muito mais científico e disputou um belo encontro.

♦ A Espanha derrotou a França, no Estádio de Colombes, por 5 golos a 1. O jogo decorreu com energia e após 14 minutos Bassora (Esp.) marcou o primeiro tento, logo seguido de outro e do terceiro, com intervalos de 5 minutos.

Na 2ª parte os franceses marcaram de grande penalidade, reagindo os espanhóis imediatamente. Gaiña fez os dois golos restantes, o último de «penalty».

NOTA DA SEMANA

A Polícia de Londres anda muito intrigada com um acontecimento pouco banal que, a ser verdadeiro, merece ficar assinalado como proeza de força ciclópica.

Na noite de 11 do corrente, um homem de identidade desconhecida telefonou ao Commissariado, informando que viria a debater-se na ribeira de Lea, preste a afogar-se, um boi corpulento. Solicitava urgente auxílio, prometido sem delongas pelo agente da autoridade que o atendeu.

Todavia, mesmo em Londres, as coisas mais simples estão sujeitas a percalços e embaraços, de modo que a polícia só chegou ao lugar indicado quando havia decorrido algum tempo.

Imagine-se o espanto dos salvadores, deparando com o boi são e salvo, mas completamente exausto, deitado perto da margem do ribeiro. Um simples exame sumário ao cornúpeto demonstrou aos agentes que o bicho não podia ter-se salvo sem auxílio estranho e a seu lado, entre o animal e a água, viam-se pegadas humanas muito profundas.

Proseguindo nas investigações verificaram os mesmos polícias, pela análise dos arredores, que nenhuma hipótese se apresentava mais lógica para explicar o acontecimento senão a de alguém ter conduzido o boi às costas, depois de o haver puzado para terra.

Ora isto é uma terrível e espantosa façanha. O ruminante pesava, a olhos vistos, várias centenas de quilos e como não deixou sinais de ter vindo pelo seu pé, o ser humano que o salvou deve ser um hércules autêntico.

Os jornais ingleses perguntam, com justificada curiosidade, por que motivo se não apresenta o generoso salvador para toda a gente conhecer a espessura do seu bicipite e as dimensões do seu perímetro torácico. Há, até, quem deseje gratificar esse hércules pela intervenção generosa e admirável, mas ele continua silencioso. Suspeita a polícia, justificadamente, que o autor do aviso telefónico e a pessoa procurada sejam um e o mesmo indivíduo, sem que tal raciocínio ajude a desvendar o mistério.

Pela parte que nos toca, não cremos que as coisas tenham decorrido assim, embora reconhecendo difícil de explicar a falta de sinais das patas do animal. De resto, o caso em si tem pouca importância. O mesmo não sucede às reacções da opinião pública, verdadeiramente merecedoras de estudo e de reflexão.

As proezas desportivas, sejam praticadas dentro ou fora das «palestras», exercem sempre um efeito considerável na imaginação das massas populares. Os actos de força, principalmente, apaixonam os corações, povoam de sonhos a imaginação e espevitam o desejo de cada um ser capaz de emular tais feitos.

A religião do recorde, como o fascínio jornalista Pierre Pelletier chamou, com propriedade, a esse fanatismo, tem prosélitos em todas as idades e latitudes.

Eis porque o milagre de força praticado pelo «homem que levantou o boi», como a imprensa londrina já resolveu designá-lo, resiste à análise lógica, por mais evidente que ela se mostre.

Rafael Barradas

Ténis

Os encontros internacionais para apuramento dos países semi-finalistas da Taça Davis (zona europeia) produziram algumas surpresas. A maior foi a derrota da Checoslováquia, sucumbindo ante os franceses por 3-2.

Apesar da presença de Drobny, considerado o melhor tenista europeu, Marcel Bernard levou as suas côres à vitória, ganhando os dois encontros singulares, e Abdesselam secundou-o bem, ao derrotar o checo Cernik.

A Itália eliminou o Chile, por 4-1, mas o chileno Balbiers sur-

preendeu os turinenses, derrotando Marcelo del Bello, em quatro partidas.

A Hungria, graças a Jozsef Asboth, bem coadjuvado por Andras Stolpa, sobrepujou a Suíça ganhando os cinco encontros previstos.

Finalmente, os sudestlavos e os suecos degladiam-se em Zagreb.

Depois de vários adiamentos por causa da chuva, os sudestlavos eliminaram a Suécia por 3-2. Os encontros para apuramento dos países finalistas vão travar-se entre húngaros e franceses (1.ª meia final) e entre italianos e sudestlavos (2.ª meia final).

Ciclismo

Terminou a Volta à Itália com o triunfo magistral do campeãoíssimo Fausto Coppi, que percorreu os 4.090 km. do trajecto em 125 horas, 25 minutos e 50 segundos.

Em segundo lugar classificou-se Gino Bartali, com mais 21 minutos e 7 segundos, seguido de Cottur, Leoni, Martini, etc.

Coppi demonstrou a sua superioridade na escalada dos Alpes, precisamente onde o «Monge Trepador» estava melhor preparado para resistir. Entre ambos há uma diferença de sete anos de idade, o que, até certo ponto explica o resultado.

Gino fez uma excelente prova mas não conseguiu ultrapassar o seu rival nos colos de Varz, Izard e Monte Genève, conforme se supunha.

Grande vitória, em resumo, para Coppi!

Boxe

O grande combate da semana, realizado em Detroit, teve como protagonistas Marcel Cerdan e Jake La Motta e como pumo de discórdia o título mundial de «médios».

A intensa preparação a que o pugilista americano se submeteu e a vantagem da sua mocidade permitiram-lhe ganhar o desafio. Cerdan foi levado a desistir, ao 10.º assalto, para evitar a derrota decisiva.

Entretanto, outros campeões estiveram activos: Willie Pep, titular de semi-leves, bateu facilmente por pontos, em 10 assaltos, Luis Ramos; Sugar Robinson, dos semi-médios, ganhou a Freddy Florence, pondo-o «Knockout» ao 3.º round e K'd Gavilan, cubano, liquidou as pretensões de Cliff Hart, em menos de 6 minutos.

Na Europa, o pugilista francês Claudio Ritter derrotou por K.O. ao 2.º assalto o italiano Egisto Peyre.

O combate, efectuado em Roma, provou a decadência do brilhante jogador transalpino, cuja retirada das lides é aconselhada pela imprensa.

Em Londres, Eddy Thomas derrotou Stone Howthorne, por intervenção do árbitro no 3.º assalto. Este resultado qualifica o vencedor para medir forças com Harry Hall, detentor do título de «semi-médios».

Dois espanhóis triunfaram com brilho. Primeiro, o peso-pesado Paco Bueno, que em Paris pôs fora de combate ao 2.º assalto o francês Bigotte; segundo, o semi-leve Luis de Santiago, vencedor, em Madrid, do belga Macherlinck. Preve-se que seja oposto a Ray Famechon, campeão da Europa.

Finalmente, da Austrália chegam duas notícias: O ex-campeão da França, Pierre Montané (leves) saiu vencido por pontos num encontro com o mexicano Rudy Cruz e Emilio Famechon, seu camarada de equipa, e também perdeu ante o australiano Hancock, em Sydney.

A MODERNA

OFICINA DE ENCADENAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C

Telef. 30078

LISBOA

CASOS do futebol espanhol

No primeiro domingo do mês, a Associação da Imprensa de Madrid organizou, em benefício da Caixa de Auxílios, um encontro de futebol entre a equipa inglesa do Fulham, campeão da segunda Liga inglesa e um mixto do Madrid e dos Atlético madrilenos e bilbaino.

A partida foi anunciada com reclamos hiperbólicos para a categoria do grupo visitante, que afinal foi batido por 4-0.

A entidade promotora, desejando ser agradável aos grupos que tomaram parte no festival, adquiriu dois relógios de pulseira em ouro e, no final da partida, entregou-os, cada um a sua equipa, dizendo serem destinados aos jogadores que, um de cada banda, fossem considerados os que melhor exibição houvessem dado.

A atribuição era melindrosa e os ingleses bem o fizeram sentir, declinando a oferta por ser impossível indicar figura destacada, pois na sua equipa todos agiam em colaboração com o melhor do seu esforço e todos eram iguais ante a vitória ou a derrota.

No mesmo dia, pela manhã, os grupos do Metropolitano de Madrid e dos Transportes de Ciudad Real disputaram o título máximo do torneio entre trabalhadores promovido pela «Educacion y Descanso».

O jogo, realizado no campo de terra batida de Vallecas, outrora pertença do Atlético Aviación, foi disputado com grande entusiasmo, apesar do calor asfáltico e das nuvens de pó, vencendo os madrilenos por 1-0. Cerca de vinte mil pessoas se aglomeraram em torno do retângulo e aplaudiram com fervor os seus favoritos; ambas as equipas corresponderam aos incitamentos populares empenhando-se ao máximo, dando muitos jogadores amostra de habilidade e boa compreensão do jogo da bola.

De modo geral, pode afirmar-se que as linhas atacantes se mostraram mais habéis do que os defesas e, no entanto, apenas se marcou um gol em toda a partida: remate fraco, tardio e sem colocação, na generalidade.

O DR. ALBERTO GOMES fêz o seu último jogo oficial...

(Continuação da pág. 13)

— A minha experiência terá valido à equipa. Valeu, porventura. Todavia, o regresso à I Divisão não teria sido possível, se não tivesse encontrado os rapazes que o «team» possui, disciplinados, briosos, prontos a todos os sacrifícios, de uma firmeza e de uma decisão inabaláveis nos mesmos propósitos e nos mesmos anseios. Todos nós, antigos e novos estudantes, vivíamos com igual exaltação a aquele sonho. Eles, porém, eram quem mais o sentia. Já tive ocasião de dizer isto numa homenagem prestada à equipa. Consinta que o repita. É um acto de inteira justiça. E não calcula com quanta alegria o faço. O espírito do jogador académico transmite-se afinal, de geração para geração. Como eu lhes estou reconhecido — pelo muito que quero à Académica!

Foi com estas palavras que o dr. Alberto Gomes começou a entrevista concedida à «Stadium», na última sexta-feira, nos tranquilos jardins do Colégio Camões que hoje dirige na cidade do Mondego, a dois pessos do bairro de delicioso coimbrão que são os Olivais.

A conversa manteve o mesmo rumo durante algum tempo. Alberto Gomes recordou a sua vinda para o clube, em 1936, deixando o Académico do Porto. Evocou as viagens à Madeira, a Moçambique e à África do Sul. Falou de encontros que ficam para sempre no historial da Académica e lembrou a vitória na «Taça de Portugal» em 1939.

— Essa é, de facto, a sua recordação mais grata...

— Não. A de agora foi maior, talvez. Por todas as razões. Ajudar um clube ao qual queremos muito a recuperar uma posição perdida, quando essa é a maior e a mais veemente aspiração do próprio clube; vivermos nós, do princípio ao último instante, a hora e meia que traz consigo a vitória, e com a vitória o regresso, é uma emoção que se sente de uma maneira especial e nunca mais se esquece. Traze-la ei comigo — para sempre. Por ter sido vivida na Académica? Sim, possivelmente...

— E será esse o seu último jogo?

— Foi, pelo menos, o meu último jogo oficial. Tenho pena de deixar o futebol sobretudo por

não jogar mais pela Académica. Mas a idade não perdoa e eu vou fazer 34 anos...

— O futebol fêz progressos?

— Taticamente, fêz-las, incontestavelmente. Sob o aspecto técnico tenho, no entanto, as minhas dúvidas. Não aparecem bons jogadores, com tanta frequência. A imposição das tácticas terá obstado um tanto à revelação dos bons valores individuais de outros tempos...

— Quais foram os maiores interiores que viu jogar?

— O argentino Martino e o nosso Pinga. Mas note que o primeiro não ultrapassou a classe. Tenho na memória alguns jogos de Pinga. Assombrosos!

— E qual o seu melhor treinador?

— O húngaro Platko, que esteve no Académico. Habitado às facilidades dos grandes clubes, viu cercadas as suas condições de trabalho. Com o desenvolvimento actual do nosso futebol, teria realizado uma obra notável. Sabia extraordinariamente.

— Dos postos que ocupou qual o preferido?

— O de interior direito, embora tivesse gostado também de jogar a avançado-centro e a extremo.

— Os novos sistemas tornaram mais difícil o lugar?

— Inegavelmente. Quasi não há termo de comparação.

— Continuará a dar o seu curso à Académica como orientador?

— Continuarei, provavelmente, auxiliando o treinador que o clube vai contratar para dirigir as equipas principais. Como técnico, propriamente, a minha acção dirá respeito aos juniores e aos infantis. Vamos preocupar-nos muito com o problema dos infantis. A Académica necessita, na verdade, de criar escolas de jogadores. Reconhecemo-lo todos.

— E quanto ao grupo principal na próxima época?

— A solução do problema não me diz respeito. Mas a direcção está vivamente empenhada em assegurar reforço, para o que desenvolve bons esforços.

A Académica atravessa um momento importante da sua existência.

É um clube que volta à I Divisão, um ano depois de ter deixado a II Divisão.

O facto é inédito no futebol português. De certo, que se a Académica voltasse a descer na próxima época, seria outro facto inédito.

E para novidade, bastou-nos o exemplo da época transacta.—A. P.

Vários desafios de futebol

O grupo de Espanha bateu a França, em Paris, por 5-1, sendo o ponto de honra dos franceses resultante do penalti. Com duas vitórias sucessivas fora de casa, uma em Dublin e outra em Paris, a Espanha rec ocupa o seu lugar de honra no quadro internacional. Seja qual for o prisma por que se encarem os encontros, o futebol espanhol, com uns cuidados de orientação que já se usaram mas que não se usam agora entre nós, deu um pulo gigantesco. Todos temos o dever de lhe tirar o chapéu...

O Belenenses ganhou a taça das Reservas, provando que o seu reservatório de jogadores não é o que muita gente afirma. O Belenenses segue para a Madeira e

Açores amanhã, fazendo em princípio três encontros, um na Madeira, contra o Marítimo, e dois nos Açores.

O Celta de Vigo, reforçado com elementos do Coruña, venceu o Benfica no histórico terreno de Balaidos, por 2-1.

O Benfica alinhou com Contreiras, Jacinto, Fernandes, Moreira, Félix, Francisco Ferreira, Corona, Arsenio, Espírito Santo, Melão e Rogério.

Os golos do Celta foram marcados por Arepio e Martin, e o do Benfica por Corona. Os benfiquistas deixaram excelente impressão. Verdadeiramente, foram os melhores em campo.

Com o intuito de treinar o seu conjunto com vista à Taça Latina, o Sporting fez um treino com o Atlético e ganhou por 3-2. A oportunidade foi aproveitada para os leões receberem as taças conquistadas durante a época.

A característica do treino não foi cumprida inteiramente, apesar da decisão do treinador ordenando voltas ao campo.

N desafio entre-cidades Porto-Coimbra, na última destas cidades, a selecção portuense ganhou por 5-2, após um encontro em que foi superior. No entanto, os jogadores de Coimbra tiveram bom comportamento.

ARCADIA O DANCING N.º 1

— DA CAPITAL —

Grande êxito da formosa cançonetista

CORALILLO DE GRANADA

ANITA LUCENA, Carmelita de Cordoba, Mary-Mely, Hermanas Baron, Dorita de Triana, Hermanas Didier, Emilia Gomez, Sara Seny e Mabel Valencia

MUSICA CONSTANTE PELAS DINAMICAS ORQUESTRAS

FON-FON e ARCADIA com a vocalista norte-americana DAINA

Ar condicionado

Temperatura agradável



**O I. Portugal-Espanha
de trabalhadores pro-
movido pela F. N. A. T.**

1 — Alinhados a meio do Estádio Nacional, os porta-estandartes assistem ao desfile dos seus camaradas, que marcham cadenciadamente e com grande garbo; 2 — o representante de Espanha entrega ao eng. Higino Queiroz, antes de começar a prova de ciclismo, o simbólico galhardete, vendo-se ao lado o dirigente Franciscão Mega e o inspector dr. Tavares da Silva; 3 — Os ciclistas portugueses e espanhóis iniciam a marcha para o Estádio Nacional; 4 — Júlio Moura dos C. T. T., e Joaquim Anacleto, do Cimento Tejo, abraçam-se após o seu magnífico triunfo contra os corredores apurados por Espanha.



**O casamento de
MARIO SIMAS**

Mário Simas, grande nadador português, o maior de todos os tempos na sua especialidade, consorciou-se no passado dia 15, na capela da Quinta da Franca, com a sr.^a D. Maria Helena Van-Zeller Guedes de Martel Petricio.

Presidiu à cerimónia Fr. João Diogo Crespo, que antes condecorou Mário Simas com a insígnia dos Cavaleiros de S. Silvestre com que o Santo Padre o havia agraciado. «Stadium» deseja ao simpático casal as maiores venturas e felicidades.



Homenagem a Alberto Gomes

O antigo internacional da Académica, agora treinador, dr. Alberto Gomes, uma amizade e uma dedicação ao serviço do clube dos «capas-negras» jamais ultrapassada, foi homenageado em Lisboa, havendo a iniciativa partido sinceramente de outras dedicações. Publicamos dois documentos da homenagem, ao falarem o dr. José Maria Antunes, cada vez mais da Académica, e o dr. Alberto Gomes. De Coimbra vieram várias pessoas, entre as quais o nosso amigo dr. Amorim Afonso. Tavares da Silva enviou um expressivo telegrama. Alberto Gomes e a Associação Académica ficaram ligados, definitivamente, para sempre!



A "MILHA" DA A. N.

Disputou-se no domingo, entre Cruz Quebrada e Algé, a prova «Milha». Triunfou o alhandrês António de Carvalho; e por equipos o Alhandra S. C. Na foto vê-se nadador de Alhandra tendo ao lado o segundo classificado, Alfredo Rodrigues, do Algé.